

C B  
H A

40° COLÓQUIO DO  
COMITÊ BRASILEIRO  
DE HISTÓRIA DA ARTE

# PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO  
COMITÊ BRASILEIRO  
DE HISTÓRIA DA ARTE

# *PESQUISAS EM DIÁLOGO*

Realização



Co-realização



Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte  
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

**Diretoria do CBHA (2020-2022)**

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

**Conselho Deliberativo (2020-2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

**Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

**Imagem da Capa**

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

**Diagramação**

Vasto Art

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

**Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo**

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

**CDD: 709.81**

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)



# Álbum Bélgica-Brasil: imagens para o rei ver

Maria Izabel Meirelles Reis Branco Ribeiro, Fundação Armando Alvares Penteado/ CBHA

## Resumo

O álbum *Bélgica-Brasil* foi oferecido ao rei Alberto I da Bélgica (1875 –1934) e à Rainha Elisabeth (1876-1965) como recordação de sua viagem ao Brasil, com mensagens de solidariedade de artistas e escritores e informações sobre o Brasil. Reúne conjunto eclético de imagens com referências visuais à linguagem da cultura popular, da imprensa, das artes e da tradição. O estudo das fotografias e as interferências feitas por J. Carlos e Correia Dias, o álbum amplia a discussão sobre a visualidade da época e a integração do álbum ao contexto da visita.

Palavras-chave: Primeira República. 1920. Rei Alberto I. Desenho. Fotografia.

## Abstract

The Belgica-Brazil album was offered to Albert I, King of the Belgians and to Queen Elisabeth as a souvenir of their visit to Brazil, with messages expressing the solidarity of artists and writers, as information about Brazil. It brings together an eclectic set of images, with references to the popular culture, press, the arts, and tradition. The study those photographs with the interventions made by the artists J Carlos and Correia Dias broadens the knowledge of the visual culture of that time and connects the álbum the context of the visit.

Key words: First Republic. 1920. King Albert I. Drawing. Photography

Em 1920 o rei Alberto I<sup>1</sup> da Bélgica e a rainha Elisabeth estiveram no Brasil a convite do Presidente Epitácio Pessoa. Foram recebidos com entusiasmo pela população em sua chegada no Rio de Janeiro e nas demais cidades que visitaram.

O álbum *Bélgica-Brasil* é um dos muitos presentes oferecidos aos reis da Bélgica e hoje está no acervo do Arquivo Real em Bruxelas. Foi idealizado pelo cenógrafo Angelo Lazary, auxiliado pelo caricaturista Vieira da Cunha, para reunião das colaborações dos participantes.

É composto por 357 páginas, sendo 91 com textos, 88 com desenhos e 178 com fotografias do Brasil.

No álbum, artistas e escritores enviam saudações ao rei, manifestam sua solidariedade e apreço pelos belgas ou relatam algo sobre o Brasil. Ambos os grupos são heterogêneos em termos de gerações, atuação profissional e linguagem. Estão entre os colaboradores: Raul Pederneiras, Kalixto, Seth e Tarquínio, de Servi, A. Bracet, Norfini, Oscar P. da Silva, Benedito Calixto, Brecheret, Celso Antônio, Di Cavalcanti, Rego Monteiro, Martins Ribeiro, Paim, Belmiro Braga, Afonso Celso, Monteiro Lobato, Ribeiro Couto, Esther Ferreira Vianna, Luiz Edmundo, Ronald de Carvalho e Rui Barbosa.

O trabalho de intervenção gráfica, ou ornatos no dizer de então, feito por J Carlos e Correia Dias, talvez seja o que mais se destaca no álbum, pois o uso de cores contrastes e elementos de fácil identificação capturam a atenção. Essas interferências atuam à maneira de comentários que ressaltam aspectos da fotografia ou de ideias dos textos e facilitam a conexão entre pranchas. Nos últimos anos, as imagens vêm sendo usadas como ilustrações da viagem do rei, sem que a tessitura do conjunto e contexto da visita sejam discutidos. Meu objetivo neste estudo é trazer considerações sobre essas fotografias e deixar a análise das páginas de desenhos e textos para outro momento.

## O Rei-herói

Para a historiadora Laurence van Ypersele, o mito do rei Alberto<sup>2</sup> remonta à época de sua coroação em 1909, quando o jovem casal ganhou a simpatia de seus súditos ao dispensar a guarda de seu antecessor, permitir maior proximidade e por ser pouco afeito à pompa.

Em princípio de agosto de 1914, o exército alemão violou a neutralidade da Bélgica ao cruzar suas fronteiras em direção à França. De acordo com a Constituição, Alberto I assumiu o comando do exército, que recuava para oeste à medida que as cidades belgas caíam. A batalha do rio Yser em outubro de 1914 impediu o avanço alemão, garantiu a permanência de uma faixa estreita de Bélgica livre, originando a fama do rei-soldado.

---

<sup>1</sup> Nascido Alberto Saxe-Coburg e Gotha (1875-1934) era filho do Conde de Flandres, irmão mais novo do rei Leopoldo II da Bélgica. Sucedeu seu tio após o falecimento dos demais candidatos ao trono: o príncipe herdeiro Leopoldo, seu próprio pai Felipe e seu irmão mais velho. Em 1900, casou-se com Elisabeth (1876-1965), duquesa da Baviera.

<sup>2</sup> Christian Laporte. Une Contribution Importante de Laurence van Ypersele. *Le Soir*. 03/07/1995

O rei e a rainha estabeleceram o quartel-general a nove quilômetros das trincheiras e lá permaneceram até o fim da guerra. O prestígio do rei aumentou por motivos pessoais, militares e políticos: simplicidade e calma, presença no campo de batalha, manutenção de território nacional livre, colaboração e não submissão aos aliados.

No pós-guerra, o nome do rei-herói e da rainha-enfermeira eram indiscutivelmente respeitados<sup>3</sup> e o país enfrentava situação difícil: a economia estava arrasada, sem investidores e com valores de reparação de guerra considerados insuficientes. Entre as alternativas para a reconstrução estavam: revisão de antigos tratados, recuperação da indústria, busca de novas parcerias e ocupação do vácuo deixado por empresas alemãs.

### Para o rei ver

Os vínculos entre Brasil e Bélgica existiam desde o século XIX e, em 8 de agosto de 1914, o então deputado Irineu Machado apresentou à Câmara de Deputados uma moção de repúdio à quebra da neutralidade belga pelos alemães, o que constituiu a primeira manifestação oficial de solidariedade recebida pela Bélgica.

Em 1919, Eptácio Pessoa, chefe da Delegação Brasileira para o Tratado de Versalhes e Presidente-eleito da República, decidiu visitar chefes de Estados antes de retornar ao Rio de Janeiro. E, ciente do prestígio de Alberto I, solicitou uma audiência.

O encontro foi profícuo para os dois países, que desejavam novas colocações internacionais<sup>4</sup>, e teve continuidade em convite para visita dos reis dos belgas ao Brasil.

A vinda foi confirmada no princípio de 1920. O fato revestia-se de importância por ser a primeira visita real após a Proclamação da República, por acontecer às vésperas das comemorações do centenário da Independência e por apontar novos horizontes econômicos. O entusiasmo era grande, principalmente porque não era um rei qualquer, mas o rei Alberto.

Seria o acontecimento do ano de 1920 e o público acompanhava pelos jornais os preparativos com atenção: desde as melhorias na cidade até o cardápio a ser servido. Em junho de 1920, *O Paiz*<sup>5</sup> publicou uma nota sobre a disposição de um grupo de ilustradores do Rio de Janeiro em oferecer ao rei um álbum que representasse “o comércio, a indústria, a ciência, a política, a intelectualidade e a arte do país”, sendo cada página oferecida a uma empresa que traria algo artístico ou literário inédito. Entre eles estavam Raul Pederneiras, J Carlos, Correia Dias, Kalixto e Seth.

---

<sup>3</sup> A rainha Elisabeth realmente era enfermeira, treinada na juventude por seu pai, o Duque Karl Theodore da Baviera, oftalmologista, que clinicava em Munique.

<sup>4</sup> Luciana Fagundes Peçanha. "Dar e receber": as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade. Anais do XVI Encontro Regional da ANPUH-RJ, 2014

<sup>5</sup> O Paiz, Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1920

A visita do rei era tema de discussão para público e imprensa, que concordavam com os seus predicados e a propriedade do evento. Alguns defendiam a moderação dos gastos com base no perfil democrático do rei, outros eram pró a liberação de crédito para fausto da festa. Triunfou o desejo de receber o hóspede ilustre com brilho e a transformação da Capital Federal em cartão postal “para o rei ver”.

Às vésperas de embarcar para o Rio de Janeiro o rei pediu aos jornalistas para divulgar “que a Bélgica não esquecerá nunca que, na hora do perigo supremo, foi o Brasil a única nação potência do mundo que protestou contra a invasão da minha pátria”. Esse tom de solidariedade pautou toda a visita, embora o objetivo do estabelecimento de parcerias fosse claro e essa objetividade estivesse sempre em vista. O recado foi publicado em *A Noite*, no dia 10 de agosto de 1920. As obras nas cidades incluídas no roteiro se intensificaram com a aproximação da data da chegada, de modo que “para’ o rei ver” passou a ser além do bonito “para as visitas”, o cenário, ou o acabado às pressas

Em Bruxelas, o rei Alberto I reiterava sua frugalidade e pedia que sua programação no Brasil, em lugar de ser extensa e dispendiosa, resultasse em bons frutos para os dois países. Na verdade, a agenda foi intensa e criticada pelo público, que não se identificava com muitas propostas e indagava qual Brasil o rei conheceria. Para o “rei Alberto ver” também se tornou sinônimo de “não popular”. Como Alberto I escapasse com frequência do protocolo, essa lista se alterava rapidamente.

O rei e a rainha viajaram a bordo do couraçado *São Paulo* da Marinha brasileira e desembarcaram no Rio de Janeiro em 18 de setembro de 1920, lá ficaram até o dia 29, quando foram a Petrópolis e Teresópolis. Em 2 de outubro chegaram em Belo Horizonte e no dia 4 visitaram a mina de Morro Velho. A visita a São Paulo começou em 4 de outubro, no dia 7, o príncipe Leopoldo se reuniu à comitiva. Entre os dias 8 e 10, descansaram na fazenda Guatapará, próximo a Ribeirão Preto. Visitaram Santos no dia 12 de outubro e no dia seguinte voltaram ao Rio de Janeiro. Embarcaram no couraçado São Paulo para retornar à Europa no dia 13 de outubro.

### **Um senhor alto de *pince nez***

O sentimento de exclusão acima mencionado não se devia ao afastamento da população por parte do rei. As atividades públicas contavam com notável afluência de participantes, como mostram duas fotos da av. Rio Branco no álbum. A de n. 11 mostra a chegada do cortejo rumo ao centro da cidade, com multidão ocupando a pista interdita e as calçadas a perder de vista e a de n. 101, com seu movimento diário. (inserir foto 1chegada dos reis da Bélgica ao Rio de Janeiro) a de sua estada no Brasil, o rei tinha por hábito dar passeios e fazer pequenas compras pela cidade,<sup>6</sup> logo era interpelado para um cumprimento ou

---

<sup>6</sup> Luciana Fagundes. Op cit.

uma palavra, que, com gentileza, retribuía. Alberto I, além de ser o rei-soldado, também passou a ser rei-democrata. Ao descrevê-lo como tal, Bastos Tigre comenta a razão dos brasileiros de se afeiçoarem a ele. Dizia que os monarcas daqueles tempos em que vivia usavam ternos e Alberto I era como aquele rei que “nós aqui tivemos até o fim de 1889” e deveria até andar incógnito com roupas comuns para saber como o povo vive.<sup>7</sup>

Em 1919, João do Rio conheceu-o em Bruxelas e registrou suas impressões do encontro: o rei tinha amplo conhecimento sobre o Brasil e sobre arte, preocupava-se com a causa operária, considerava sua atuação na guerra como cumprimento de seu dever como soldado e pelo aperto de mão com que se despediu, concluiu que tinha hábitos simples. Luciana Fagundes cita diversas notas da imprensa sobre a informalidade do rei ao passear pelas cidades visitadas<sup>8</sup> e interagir com a população. Impressão análoga o jovem Drummond guardou do rei Alberto em Belo Horizonte e deve ser representativa da guardada por outros brasileiros:

(...) “Não tem coroa de Rei, barbas formidáveis de rei, armadura de rei, resplandecente ao sol da Serra do Curral. É um Senhor alto, formal, de meia idade metido em uniforme belga, ao lado de outro senhor de *pince-nez*, que conheço de retrato: o presidente do estado” (...)

João do Rio comentou que além de ter interesse natural em conhecer, Alberto I era bem informado e se preparava para receber seus visitantes. A lembrança da moção de Irineu Camargo, feita ao cumprimentar Eptácio Pessoa em 1919, e sua indagação por Rui Barbosa ao desembarcar são indicativas desse cuidado. Indubitavelmente se preparou para vir ao Brasil.

Além de aspectos inerentes às suas personalidades como já havia notado João do Rio, o rei e a rainha contaram com a diplomacia e o cerimonial belga para o sucesso de sua missão. Estavam informados sobre a produção do país, as antigas parcerias belgas, o que vestir, as possibilidades de exportação, o clima e os hábitos.

## O álbum e o Book

Em princípio de dezembro de 1914 jornais ingleses lançaram a venda do *King Albert's Book. A Tribute To The Belgian King And People From Representative Men And Women Throughout The World*,<sup>9</sup> (inserir foto 2 – capa do Book) foi lançado no começo de dezembro de 1914 como sugestão para presente de Natal, com parte da renda em benefício da população belga sob domínio alemão. O título do *Book* é auto-explicativo: é composto por textos, partituras,

<sup>7</sup> Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1920. Apud Luciana P. Fagundes, pag. 54

<sup>8</sup> Luciana P. Fagundes. Uma República em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920). UFRJ. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS. Programa de Pós-graduação em História Social, 2007. Pag. 204-205.

<sup>9</sup> Publicado no <https://archive.org/details/kingalbert00teleuoft>

poemas, reproduções de imagens de autoria de entre outros Marconi, Henri Bergson, Kipling, Conan Doyle, Monet, Debussy, Sarah Bernhardt e Jack London. Foi criado pelo escritor Hall Caine com apoio do *Daily's Telegraph* e *Sketch* de Londres e *Glasgow Herald*, com intenção de atingir grande público e há dois indícios de que era conhecido no Brasil. A edição de *A Noite* de 19 de setembro de 1920 estampava em sua primeira página o desenho de um rei combatendo a águia alemã, entre os retratos dos soberanos belgas. Esse desenho foi contribuição de Walter Craine, publicada na página 119 do *Book*.

Também a semelhança entre a primeira prancha do álbum e a capa do *Book* indicam que ele também era conhecido dos ilustradores do Rio de Janeiro. (foto3 inserir prancha 1 apresentação do álbum) A diferença é que no álbum a coroa de louros é redonda, fechada, sem o monograma ou a coroa real e, ao invés do cinto e espada, são fitas com as cores dos dois países que pendem. É sua versão mais simples, geometrizada, moderna e republicana.

À véspera da partida de Alberto I, o agora senador Irineu Machado entregou-lhe o álbum *Bélgica-Brasil*, que reunia os “mais acatados nomes nas artes, literatura, no alto comércio e indústria”, que manifestavam seus respeitos pelo heroísmo da Bélgica. Dizia que a pujança do Brasil, o rei já havia visto e, no álbum, veria a efervescência intelectual e a natureza espiritual da nação. Explicava tratar-se de um álbum-poema, cujo valor estava no patriotismo, por tudo nele ser nacional: “concepção artística, improvisações do gosto, da cultura e do estilo, de cada ilustração e desenhista, o texto literário, o ouro, as pedras preciosas, o trabalho, a grandeza da alma patriótica”<sup>10</sup>. O discurso de Machado seria outro se não conhecessem o *Book*.

As afinidades entre o livro e o álbum são evidentes: trazem colaborações com manifestações de solidariedade, abordam temas semelhantes, têm participação de ilustradores e da imprensa. O *Book* foi um projeto comercial de vulto, com grande alcance de público e fins beneficentes, com contribuições internacionais de personalidades (cientistas, artistas, escritores, religiosos, políticos) famosas. O álbum foi obra única, de produção artesanal, presente ao rei e sua família, tem caráter intimista, com envios de colaboradores (artistas e escritores) de projeção nacional. Nele, referências populares e eruditas se mesclam para conformar uma lembrança do Brasil.

## O Álbum-Poema

O álbum apresenta semelhanças e diferenças em relação ao *Book*. Provavelmente, quando Machado se referiu ao presente como um álbum-poema, foi mais motivado ao trabalho desenvolvido pelos artistas e pelas intervenções de Correia Dias e J Carlos do que por ser uma coletânea de poemas. Cabe algumas palavras sobre as primeiras pranchas do álbum, por sua função introdutória.

---

<sup>10</sup> O Paiz 16 out 1920

A prancha de abertura com a dedicatória está acima descrita. As três seguintes são retratos a lápis de cor, feitos por Seth, respectivamente do rei, da rainha e dos três príncipes (Leopoldo, Carlos e Maria José); e a quinta é um desenho a guache das Armas da Bélgica de autoria de Alberto Lima.

A seguir, está a sequência da chegada: o desembarque do rei acompanhado pelo presidente, da rainha pela sra. Mary Pessoa, retratos de autoridades que receberam o rei e a rainha, a moção apresentada por Irineu Machado, o registro da passagem da comitiva pela av. Rio Branco e o Palácio Guanabara, onde os visitantes se hospedaram. Também traz uma indiscrição: a fotografia e a mensagem de Rui Barbosa, contato anterior da comitiva belga, mas desafeto político de Pessoa e excluído das comemorações.

Nesses poucos exemplos já se identificam os elementos básicos das pranchas: a fotografia com algum tipo de intervenção, o filete e a legenda de identificação da imagem. Grande parte das ampliações fotográficas utilizadas sofreu algum tipo de corte para alterar a forma do tradicional retângulo e chanfrar ângulos, construir arcos ou definir degraus. Quando há adição de elementos gráficos, são em aquarela ou nanquim e resultam em legendas, molduras, faixas, frisos, ornamentos, fundos e identificação do autor: CD para Correia Dias e JC para J Carlos. Esses elementos podem ser meramente plásticos ou também simbólicos.

Muitos dos ornamentos usados são os tradicionais: coroa e festão de louros; ramo de oliveira; folhas de acanto; balança da justiça; a âncora para a marinha, pena para escrita e imprensa; para o Brasil: o ramo de café e o de fumo, o verde e amarelo, a esfera azul com o Cruzeiro do Sul e as Armas da República. (inserir foto 4 - prancha 6 desembarque do rei)

A Bélgica está representada pelas cores nacionais, pelo leão rampante e pelas Armas Nacionais, utilizadas somente em situações especiais. Restringiram o uso da coroa para fotografias de eventos oficiais em que o rei se apresentava em traje militar. Para imagem de passeio à paisana, recorreram a temas relativos ao ambiente circundante. (inserir foto 5 – Passeio da rainha no Pão de Açúcar)

Alguns elementos adotados na construção de padrões compositivos são bastante óbvios, como livros para a Biblioteca Nacional ou pincéis para o Museu de Belas Artes. Alguns são por afinidade, como uma superfície geométrica à maneira de vitral para uma igreja e padrões empregados em trabalhos de serralheria para situações de mineração. Há situações sutis: os desenhos de Seth para os retratos da família real e para o de Epitácio Pessoa são cercadas apenas por um filete preto. As duas únicas outras fotografias que trazem esse tipo de ornamento são as reproduções de dois relevos de Celso Antônio. Um deles reverencia o Cardeal Mercier, por sua resistência aos alemães durante a guerra; e o outro homenageia D. Pedro II, em momento de recuperação da imagem da família imperial brasileira.<sup>11</sup>

O correr das páginas indica a criação de vocabulário ornamental específico para referência a alguns temas como andorinhas para vistas urbanas,

---

<sup>11</sup> Também é significativo que a revogação do decreto de anulação banimento da família real brasileira fora anulada por Epitácio Pessoa em 5 de Setembro de 1920 e que o despojos de D. Pedro II e de D. Teresa Cristina voltariam ao Brasil a bordo do couraçado S. Paulo, quando retornasse da viagem que levaria os reis dos belgas à Europa.

gaiivotas para marinhas e mar revolto para estaleiros, como indicação de construção resistente, lótus egípcio para qualquer flor aquática e estrutura metálicas de pontes para engenharia ou o próprio aço. (inserir foto 6 – prancha 160 – ponte em Santa Maria)

Além dos ornamentos simbólicos e dos tradicionais como gregas, arabescos e florões, os ilustradores usaram 3 procedimentos para criar os seus “neologismos” : pela imagem de algo relacionado ao retratado pela fotografia, como duas pequenas cobaias para a moldura da sede do Instituto Oswaldo Cruz, ou os morteiros do Ministério da Guerra; por eleição de um elemento da imagem que possam ser usados como módulo, como as pérolas do colar que circunda a foto noturna das luzes da orla de Copacabana; ou a repetição do motivo central da fotografia, como a ponte de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

Apesar das referências eruditas, seus autores conservam traços da ilustração das revistas de época: contornos nítidos, cores vibrantes em zonas planas, formas simplificadas e de fácil identificação, padrões decorativos híbridos. Se as ilustrações dinamizam o conjunto, as fotografias mantêm a coesão em meio à diversidade.

A disposição dos elementos plásticos atende a algumas disposições em relação à fotografia. Podem circundá-las em molduras, estar em frisos ou conformarem painéis de fundo. A composição da página também se relaciona com o tema ou características da imagem fotografada, de maneira a originar páginas-estandartes para teatros, tecelagens, museus, instituições militares; do mesmo modo surgem páginas-estantes, páginas-vedutas e páginas pórticos. (Inserir foto 7 – prancha 98 - Museu Nacional)

Os exemplos acima acontecem no caso de a foto ser cercada pelo ornamento, estar sobreposta a ele, ou nele ter continuidade, como na prancha 96, em que a água do reservatório de uma usina da Light transborda em um desenho de J Carlos para a parte inferior da página. (inserir foto 8 – usinas elétricas da light)

## Postais para o rei ver

Na ficha técnica do álbum consta o nome de Carlos Bippus como um dos fotógrafos participantes, mas não é certo se foi o responsável por todas as que lá estão. Manteve atelier no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX e suas vistas da baía da Guanabara foram muito apreciadas e usadas como cartões postais. (inserir foto 9 - prancha 227 – avenida do Mangue) Foi considerado especialista em fotografias noturnas com efeitos luminosos da lua, da iluminação artificial na água e nas nuvens.

A maior parte das pranchas do álbum trazem imagens do Rio de Janeiro, várias delas são noturnas, por vezes do mesmo local, sob o mesmo ponto de vista, registradas sob circunstâncias diferentes, inclusive diurnas. Algumas foram utilizadas pelos artistas para modelo de suas contribuições. O trabalho dos ilustradores para as fotos noturnas mantêm a atmosfera da noite, tons azulados e efeitos luminosos paralelos aos da imagem a que se referem.

Além das vistas de cartão postal, o álbum fixou as imagens do Rio preparado para o rei ver, comentadas pelos ilustradores. Nelas, a jovem república apresentava seus edifícios públicos, estabelecimentos de ensino, equipamento cultural, igrejas, associações profissionais e recreativas, instituições financeiras, forças armadas, avenidas ajardinadas, beneficiamentos urbanos, monumentos e parques.

Há fotografias do Brasil visto pelo rei, isto é, de São Paulo e de Minas Gerais, com pontos turísticos da cidade, locais do interior dos estados e relacionados à produção econômica. E, contrariando a hipótese acima aventada, há diversas fotos de um Brasil onde o não rei esteve, todas relacionadas à vida rural e ao cultivo de produtos agrícolas - indicação de ser essa a chave de seu pertencimento ao conjunto. (inserir foto 10 – prancha 176 – como nasce uma cidade)

## O Brasil do Álbum

Desde o início do projeto havia a intenção de incluir no álbum páginas para as empresas participantes e depois de sua conclusão, realmente há vinte delas com nomes de empreendimentos comerciais, entre hotéis, indústrias têxteis, jornais de grande porte, estaleiros e armadores, exploração mineral e uma grande loja de departamentos, que ali estão não só para levantar meios para a realização do projeto.

O álbum, além de belas paisagens, cidades grandes, instituições de ensino superior, teatros, bibliotecas e museus, mostra ao rei um país com indústria, imprensa, agricultura, serviços e comércio.

As imagens do Brasil apresentadas ao rei e à rainha foram selecionadas segundo um critério possivelmente relacionado aos locais em que estiveram, com quantidade de fotos proporcional ao tempo em que lá permaneceram.

Passaram mais tempo no Rio de Janeiro, logo o maior número de lembranças é de lá e provavelmente a seleção foi feita pelas fotos de lugares que deixaram boas memórias: a chegada, o passeio ao Pão de Açúcar, as vistas noturnas, as avenidas arborizadas, a pedra da Gávea e o Jardim Botânico. Porém, destaque dado às palmeiras e outras espécies vegetais nativas respondem ao interesse do Serviço de Agricultura do Ministério das Colônias belga em comercializar sementes e mudas de algumas palmeiras e grandes árvores para reflorestamento.

Há também nas páginas com paisagens e usos do Rio Grande do Sul lembretes de possíveis parcerias para projetos de silvicultura e de exportação de carne e grãos.

O projeto de reconstrução da economia belga previa a recuperação da indústria e a possibilidade da marinha mercante substituir parte dos transportes feitos por armadores alemães antes da guerra, no caso brasileiro, das exportações

brasileiras<sup>12</sup>. Esses dois projetos encontram eco na presença de páginas relacionadas à extração de minério, fabricação de embarcações, navegação costeira e também nas pontes de estruturas metálicas.

As fotografias trabalhadas pelos ilustradores constituem metade do álbum *Bélgica-Brasil*. As presentes considerações levantam elementos para a discussão das fotografias e das interferências (cortes, composição, processos gráficos e vocabulário ornamental) e, como sugere, o Brasil para o rei ver. Esse material ainda não se esgotou, abrange referências amplas e diversas conexões, que possibilitarão que a análise pontual de fotografias e respectivas intervenções revelem aspectos relacionados ao álbum e seu tempo.

---

## Referências

ALMEIDA et alli Paulo Roberto de. *Como se fosse amanhã*. Embaixada da Bélgica em Brasília, 2020.

CAINE, Hall. *King 's Albert Book. A Tribute To The Belgian King And People From Representative Men And Women Throughout The World* . Londres: Daily Telegraph, 1914.

FAGUNDES, Luciana Peçanha. *Dar e receber: as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade* . Anais do XVI Encontro Regional da ANPUH-RJ, 2014.

\_\_\_\_\_. *Rituais e símbolos de poder na visita dos reis da Bélgica ao Brasil*. *Hist.R.*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 393-419, jul./dez. 2010

\_\_\_\_\_. *Uma República em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. UFRJ. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS. Programa de Pós-graduação em História Social, 2007.

LAPORTE, Christian. “Une contribution importante de Laurence van Ypersele”. *Le Soir*. 03/07/1995

*O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1920.

*O Paiz*, 16 de Outubro de 1920.

*Pen and Sword Pt. II: Advertising King Albert's Book*

<http://www.centenary.oucs.ox.ac.uk/unconventionalsoldiers/3241/> acesso: 11/03/2021

---

<sup>12</sup> Gustaaf Janssens. 1920. A viagem do Rei Alberto e da Rainha Elisabeth ao Brasil. In Maria Izabel M.R. Branco Ribeiro, (org.). *Visita da Família Real Belga ao Brasil. 1920*. São Paulo: Faap, 2010.pag. 24-25.

RIBEIRO, Maria Izabel M.R. Branco (org.). *Visita da Família Real Belga ao Brasil. 1920*. São Paulo: Faap, 2010.

VERANNEMAN, Jean-Michel. *Belgium in the Great War*. Yorkshire, Philadelphia: Pen and Sword Military, 2018. E-book

**Como citar:**

RIBEIRO, Maria Izabel Meirelles Reis Branco. Álbum Bélgica-Brasil: Imagens para o rei ver. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 268-278, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719. DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.22>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>